

## REALIDADE COMO FICÇÃO

### PRIMEIRO ATO

- Senhores, vai começar!
- Ó Venerável sombras antigas que nas horas noturnas pairam sobre este lago. Façam-nos dormir e sonhar com aquilo que há de acontecer daqui a 200 mil anos.
- Daqui a 200 mil anos não haverá nada!
- Então... me responda como será esse nada?
- Assim seja! Já estamos todos dormindo...

2:21 - Fernando Zugno (FZ): Muito obrigado! Primeiramente prazer em conhece-lo. Sou ator e produtor cultural aqui no Brasil. Atualmente estou trabalhando na peça "A GAIVOTA" de Anton Tchekhov. Porisso estou mediando este encontro contigo. Para começar, gostaria de fazer uma pergunta geral: qual é o papel da ficção e da narrativa na estruturação da experiência de vida?

3:22 - Peter Sloterdijk: Os animais não têm problema com o fato de não poderem esclarecer a sua própria origem, mas para o homem é um problema o fato de não conhecer o seu princípio. Ele sente um abismo atrás de si e quer fechá-lo, não é mesmo? Isso pode ser entendido como uma doença ontológica ligada a posição do homem em si. Esse sentimento de abismo existe também como manifestação patológica individual. Conta-se que Blaise Pascal, o grande matemático e filosófico aforista do século 17, tinha um tique: do seu lado direito ele sempre via um buraco. Ele colocava então uma cadeira sobre ele. A partir dessa imagem ... aqui pode ser esclarecido como os homens agem quando eles narram. As narrativas são a cadeira que a espécie humana coloca sobre o abismo que, em geral, percebe atrás de si, e não em seu interior. Temos hoje na humanidade moderna, desde que nos tornamos futuristas, dois abismos: um atrás e outro na nossa frente e devemos cobrir ambos. Se percebemos essa situação, compreendemos porque contamos histórias.

04'32" - Nadia Mendes lê "REPARAÇÃO"- Ian McEwan

"Aos onze anos de idade Briony escreveu sua primeira história — uma bobagem, imitação de meia dúzia de narrativas folclóricas; faltava-lhe, e ela percebeu depois, aquele vital conhecimento do mundo que faz jus à admiração do leitor. Mas aquela primeira tentativa desajeitada lhe mostrou que a própria imaginação era uma fonte de segredos: quando ela começava a escrever uma história, ninguém podia saber. Fingir com palavras era uma coisa tão hesitante, tão vulnerável, tão constrangedora, que ninguém podia ficar sabendo. Só de escrever - disse ela ou então, Briony envergonhava-se, sentia-se ridícula, por fingir conhecer as emoções de um ser imaginário. Cada vez que falava sobre a fraqueza de um personagem, inevitavelmente se expunha; era fatal que o leitor imaginasse estar ela descrevendo-se a si própria. De que outra maneira poderia ter descoberto aquilo? Era só quando a história ficava pronta, todos os destinos resolvidos, toda a questão encerrada do início ao fim, tornando-se, pelo menos sob esse aspecto, semelhante a todas as outras histórias concluídas no mundo, que Briony se sentia imune, pronta para fazer furos nas margens, encadernar os capítulos com barbante, pintar ou desenhar a capa e levar a obra pronta para a mãe, ou o pai, quando ele estava em casa."

06'18" - Eu sou Fernando Zugno, sou ator, produtor. Me formei em teatro no TEPA. Ter tido a chance de conversar com Peter é um aprendizado pro meu processo criativo, sem dúvida nenhuma inclusive na produção pra montagem deste trabalho.

07'57" - Fernando Z e Nadya sentados banco de madeira ensaiando texto:

"- Podemos ficar mais um dia? Vamos ficar!!

- meu querido, eu sei o que prende você aqui mas tente se controlar, você está um pouco embriagado, tente ficar sóbrio de novo!

- seja sensata, você também seja razoável, ponderada! Eu lhe imploro, encare tudo isso como faria uma verdadeira amiga! Você é capaz de fazer um sacrificio..."

06'53" - FZ - Eu aprendi e sou muito "stanislavskiano". Stanislavski tem tudo a ver com Tchekhov, eles são da mesma época, do mesmo país e essa montagem de um Tchekhov - se tu vai fazer um Tchekhov clássico - que eu acho bacanissimo e muito difícil, que como eu disse antes, um trabalho realista no teatro, depende muito do trabalho do ator... tem o tempo que em outras formas de teatro, outras formas de interpretação a gente não tem. Shakespeare, tragédia grega tu não tem esse tempo do raciocínio, do subtexto... não existe esse tempo... então no realismo tu precisa sem palavras e com menos corpo mostrar o teu sentimento, aquelas pausas dramáticas... o tempo mesmo, mais lento... isso cria toda uma dificuldade...

07'58" - FZ - Nós somos atores e estamos trabalhando na peça "A Gaiota" de Tchekhov. As perguntas que faremos tem como objetivo nos ajudar no processo criativo desse projeto. Primeiramente, gostaríamos de saber se você acha que existe um limite entre realidade e ficção ou se esses dois conceitos se mesclam?

Michell Houellebecq - Não há um limite na verdade quando se lida com elementos reais ou não e porisso não muda nada em um livro. Na maioria das vezes, nos esquecemos também se as coisas são reais ou não. E isso não tem quase nenhuma importância na verdade. O conceito de realidade não tem importância nenhuma.

FZ - Mas existem inspirações que vem da realidade?

Michell Houellebecq - É possível mas nós as esquecemos muito rápido. E, a partir do momento em que estamos em um livro, que o material seja real ou não, isso não muda nada... talvez porque seja impossível se lembrar de um evento real. A gente se engana o tempo todo, a gente se reinventa todo dia.

O que há de fictício na realidade e de real na ficção?

MH - Digamos que, o tipo de ficção que eu produzo, deve gerar um efeito real. Devemos sentir que isso realmente aconteceu. E o que é fictício, na realidade, é que a partir do momento em que começa a dizer algo, como não nos lembramos, acabamos inventando.

Isso acontece também com as crianças. Quando somos pequenos acontece alguma coisa e quando viramos adultos acreditamos que foi como nossa memória inventou.

MH - Em todas as idades reconstruímos nosso passado de maneira fictícia.

Você acha que o seu leitor sabe diferenciar entre o ficcional e o real nos seus livros?

MH - Não, pois nem eu mesmo sei!

10'10" - FZ lendo "Submissão" de Michell Houellebecq

"Tanto quanto a literatura, a música pode determinar uma reviravolta, um transtorno emotivo, uma tristeza ou um êxtase absolutos; tanto quanto a literatura, a pintura pode gerar um deslumbramento, um olhar novo depositado sobre o mundo. Mas só a literatura pode dar essa sensação de contato com outro espírito humano, com a integralidade desse espírito, suas fraquezas e grandezas, suas limitações, suas mesquinhas, suas idéias fixas, suas crenças; com tudo o que comove, o interessa, o excita ou repugna. Só a literatura permite entrar em contato com o espírito de um morto, da maneira mais direta, mais completa e até mais profunda do que a conversa com um amigo – por mais profunda e duradoura que seja uma amizade, numa conversa nunca nos entregamos tão completamente como o fazemos diante de uma página em branco, dirigindo-nos a um destinatário desconhecido. Então, é claro, quando se trata de literatura, a beleza do estilo, a musicalidade das frases têm sua importância; a profundidade da reflexão do autor, a originalidade dos seus pensamentos não são de desprezar; mas um autor é antes de tudo um ser humano, presente em seus livros; que escreva muito bem ou muito mal, em última análise, importa pouco, o essencial é que escreva e esteja, de fato, presente em seus livros..."

11'52" - Ian McEwan

Pessoalmente, eu prefiro usar eventos ou pessoas históricas e colocá-los junto de personagens fictícios. Ajuda a dar à ficção um tipo de solidez, uma sensação de que está baseado no mundo. Leitores não possuem dificuldade em distinguir o que é real e o que é imaginado, mas acredito que para escritores, que estão absorvidos em um projeto, esses dois podem se misturar de formas que são ao mesmo tempo enganosas e muito úteis. E o romance pós-moderno, ou o romance desde a grande revolução modernista do início do século XX, fez muito uso, não do imaginado, mas de fatos documentados em si. Então, pegue um dos grandes monumentos do modernismo, o Ulisses de James Joyce, veja a correspondência de Joyce, buscando fatos e informações detalhadas sobre o cotidiano em Dublin. E como ele maravilhosamente trabalhou nisso em uma ficção. Uma ficção mítica, que parece reunir em si toda a história literária humana. Você vê que essas linhas são muito muito borradas. Borradas de forma útil.

13'18" - Me chamo Roberta, sou atriz. Estou estudando literatura hispano americana e espanhola e estou buscando um pouco mais sobre a fusão da realidade como ficção. O que há de ficção na realidade e de realidade na ficção?

Vargas Llosa - Eu acredito que a realidade, digamos, a ficção opera de uma maneira que é difícil de definir e de determinar mas acredito que as ficções tem um efeito sempre, uma consequência na realidade... através do comportamento, do modo de agir das pessoas às que a ficção tenha impressionado, nas que deixou uma marca... acredito que a ficção nos apresenta mundos mais perfeitos, mais belos e mais compreensíveis que o mundo em que vivemos, com o qual praticamente não temos uma perspectiva, um distanciamento... então acredito que a ficção atua através das pessoas em que a ficção tenha enriquecido sua sensibilidade, estimulado sua imaginação... há uma conexão que podemos chamar de dialética entre ficção e realidade, mesmo sendo coisas distintas, ambas se complementam, se enriquecem mutuamente e não poderiam existir separadas uma da outra.

14'45" - Leitura texto "Julia e o Escrevinhador - Mario Vargas Llosa

"Viver, era pra ele, escrever. Não lhe importava, em absoluto, que suas obras durassem... uma vez irradiada, esquecia-se dos roteiros. Me garantiu que não guardava cópia de nenhuma de

suas radionovelas. Elas haviam sido compostas com a tácita convicção de que deviam volatizar-se ao serem digeridas pelo público. Uma vez perguntei se nunca tinha pensado em publicar: “- Meus escritos se conservam num lugar mais indelével do que os livros - me instruiu no ato: - A memória dos ouvintes.”

15'22" / 17'37" - Entrevista com Robert Dargnton

Entrevistadora: Então, primeiro, gostaria de agradecer pela atenção em vir aqui para essa conversa...Gostaria de começar essa entrevista com uma pergunta: como você definiria ficção?

Roberto Dargnton: Bem... não sou um grande adepto das definições. Sei que devemos ser claros, então sou a favor da clareza. Mas definições possuem efeitos mecânicos, elas parecem congelar algo e reificá-lo. Então não consigo tirar uma definição de ficção do meu bolso, mas acho justo contrastar não-ficção com ficção. Agora, a palavra “ficção” significa fabricar, produzir. E é bem verdade que, ao escrever história, eu produzo coisas. Eu, às vezes, penso em mim como um artesão, alguém que poderia produzir sapatos. Eu produzo livros! Mas os livros tem uma referência do que eu considero a verdade. Isto é, eu vou nos arquivos, pesquiso manuscritos e sinto que entro em contato com outras vidas, vividas 200, 300 anos atrás. Agora, o contato não é perfeito, não posso falar com elas. Mas posso ouvir os traços de suas vozes. Então, mesmo que eu esteja fazendo história, no sentido de criar algo, Eu também estou relacionando com as vidas que foram vividas. Agora, se eu estivesse escrevendo ficção, eu poderia apenas inventar e não existe rigor em provar. Então isso pode soar como empirismo britânico, fiz meu trabalho de graduação em Oxford, fui para Harvard antes disso... Empirismo britânico significa respeitar as evidências. E assim, acho que, no mundo de não-ficção, respeitamos provas, documentação, rigor. E ainda, entendemos que estamos criando algo que tem elementos subjetivos e que pode estar errado! Podemos errar, mas estamos tentando acertar.

17'44" / 21'28" - Palestra Ian McEwan

Pesquisar virou minha paixão. Era se eu estivesse, em cada romance, partindo em uma jornada, apenas com o menor, mais simples mapa para mostrar onde eu estava indo. A investigação da natureza humana é baseada tem como principio buscar um sentimento de mundo compartilhado. Eu quero contar uma história de um desses romances. Ele se chama Sábado, envolve a história de um neurocirurgião e eu pensei que teria de aprender neurocirurgia. Então me conectei com um neurocirurgião conhecido em Londres, no Queen’s Hospital, seu nome é Neil Kitchen. Ele me supervisionou e, por quase dois anos, estive próximo dele. Finalmente, eu estive perto dele em muitas, muitas operações. Costumava encontrá-lo de manhã, muito cedo. Trabalho começa às 6h. Eu vestia um jaleco. Notei que todos os homens, os cirurgiões, sempre cobriam os pêlos do peito, acima da gola V de seus uniformes, então aprendi a fazer o mesmo. Andei pelos corredores do hospital, me sentindo bem quando as pessoas me davam passagem. Eu não dizia: “Escute, eu sou escritor”. E observei muitas operações difíceis, remoção de tumores, clipagem de aneurismas. E um dia, durante meu aprendizado como neurocirurgião, eu estava afastado da mesa de operação, tomando nota e duas jovens entraram na sala de operação. E elas pareciam bem nervosas. Elas foram até mim e disseram: “Com licença, doutor”. E eu disse: “Sim?”. Elas disseram: “Estamos no nosso quinto ano de medicina e agora estamos fazendo um rodízio em neurocirurgia, então você se importa se a gente assistisse?”. E eu disse: “Venham até a caixa de luz, que eu quero mostrar as tomografias”. E eu já me achava uma fraude completa. Uma fraude completa. Mas eu pensei que, se pudesse fazer isso, se conseguisse sair dessa, eu poderia escrever esse romance. Então, na minha voz mais autoritária, eu disse: “Então, estamos clipando um aneurisma, numa

artéria média cerebral. Estamos realizando um procedimento famoso, criado por um cirurgião canadense e estamos prestes a colocar o clipe no vaso”. E eu falei durante cerca de cinco minutos e, no final, elas me agradeceram. E disseram: “Obrigada, doutor, foi muito instrutivo”. E saíram. Eu sempre quis saber como elas foram em suas provas. Isso foi pela busca do realismo, tentando acertar. E a melhor coisa de tentar acertar, se você está tentando descrever o mundo, governado por instituições, pela biologia, mesmo pelas leis da física, é que você também pode errar.

21'29" - Depoimento Pedro de Oliveira

“Eu sou o Pedro, eu faço faculdade de letras e minha relação com o teatro começou há pouquíssimo tempo, na verdade eu fiz uma oficina com o Roberto e, desde então eu não parei mais. Fui fazendo uma oficina atrás da outra... é um mosquitinho que te morde e tu não consegue mais parar... é uma cachaça.”

Ensaio no teatro:

A gente vai fazer A Gaivota do Tchekhov, é um clássico! Tá todo mundo bem animado pra fazer, né. Trabalhar com o Roberto sempre é... Ele é um cara excêntrico, você deve saber bem... a peça, eu acredito que tem tudo a ver com o processo que a gente já fez com ele durante as oficinas então agora é pra fechar com chave de ouro com ele.

22' 35" / 23'17" - Robert Dargnton

Eu acho que, basicamente, é a experiência de ser levado para outro mundo que faz com que você, quando volta para seu próprio mundo, sinta de uma forma diferente. Isso aumenta, acredito eu, sua sensibilidade. E seu desconforto. Quero dizer, Kafka. Se você leu Kafka, então anda pelas ruas e você sente que tem algo estranho sobre a vida. Bem a estranheza é um grande tema na escrita pós-modernista, o que eu acho fascinante.

23'18" / 24'22" - cenas de cobertura

24'23" - SEGUNDO ATO

24'25" - Roberta: Não faz muito tempo, que vc trabalhou como ator?

VL - Bom, foi uma experiência mais ocasional... foi uma experiência bem excepcional. Foi verdade sim, trabalhei como ator no teatro.

Roberta - Interpretou teus personagens?

VL - Interpretei um personagem de uma peça de teatro que se chama "Os Contos da Peste" - uma obra inspirada os contos de Boccacio - "O Decameron".

Roberta - E o que vc achou? Como é viver a literatura?

VL - Bem, viver a ficção foi uma experiência maravilhosa! Nesse sentido, depois de ter passado a vida escrevendo ficção, me transformar por uma semana em personagem foi uma experiência muito interessante. Fascinante na verdade. Acredito que os atores, ao viver na ficção... encarnam digamos, estes personagens que seus escritores sonham e, por isso, para um escritor é uma experiência fascinante, montar um cenário e, ao menos, por um par de horas ao dia, encarnar um personagem de pura fantasia.

25'34" - Nadia Mendes - teste de elenco...

Atriz fazendo teste de elenco com o texto:

"Oi, essa é a casa dos seus sonhos..."

26'13" - Nadia Mendes, atriz se apresentando:

Meu nome é Nadya Mendes, eu me descobri atriz... vamos dizer, eu tinha 16 anos pra 17... eu estava terminando o segundo grau, ou pelo menos deveria estar terminando o segundo grau e estava nas férias de junho/julho ali... estava passando na rua e vi uma placa "Escola aberta de teatro" - aí pensei e "eu quero fazer isso.." e fui atrás, fui ver e comecei a fazer teatro e não terminei o segundo grau... eu tinha 16 pra 17 anos... minha mãe queria minha cabeça, óbvio... não voltei pra terminar o segundo grau... eu fui terminar o segundo grau já tinha 30 anos, 31 anos. E aí entrei pra escola de teatro com 17 anos e de lá pra cá... hoje eu tenho 54 anos... eu parei algumas vezes. Eu trabalhei na área da saúde, trabalhei na área administrativa, trabalhei na área da publicidade mas claro, o teatro... ele me persegue sempre e eu também persigo ele né...

27'22" / 29'42" - Ian McEwann

A memória humana é um grande assunto. Não aparentamos ter evoluído com a necessidade de uma memória apurada. E agora sabemos em detalhes, pela psicologia cognitiva, que muitas vezes nossas memórias são egoístas, elas servem nossos interesses. Podem ser muito enganosas, qualquer um que está tentando escrever sobre o passado vai frequentemente colocar os eventos na ordem errada, qualquer um que estiver tentando escrever biograficamente. Com frequência, memórias são arquivadas por seu valor emocional, não por sua sequência temporal. Nós sabemos agora que um dos procedimentos menos confiáveis no trabalho policial é o alinhamento. Você pega doze suspeitos e eles pedem para dizer: "Foi ele ou foi ele". E todos tem um bigode. A memória é tão frágil. Frequentemente, acho que estabelecemos isso também em psicologia cognitiva, não é a memória em si ou a coisa, o original que estamos observando, como se fosse com uma memória, mas uma memória perdida disso. Então, temos palimpsestos, camadas sobrepostas. Qualquer um conta uma história muitas vezes, sobre algo que aconteceu com ele, lentamente os instintos para a narrativa mudam, a história fica mais afiada, dramática, engraçada. Porque todos nós somos contadores de história e queremos divertir. Então, eu escrevi bastante sobre colocar, digamos, dois personagens testemunhando o mesmo evento e tendo memórias completamente diferentes dele. Em parte é um dos motores do mal-entendimento humano. Veja duas pessoas se divorciando e falando sobre o passado. Então você verá como a memória é um motor da auto-estima.

29'43" - Atores lendo texto no Jardim Lutzemberg ...

ator - Lembro há muito tempo atrás, qndo você representava em teatros estatais, eu era muito pequeno, houve uma briga no prédio onde morávamos e uma inquilina lavadeira levou uma tremenda surra, lembra? Foi deixada inconsciente, você ia sempre visitá-la, levava remédios, dava banhos nos filhos dela numa tina... será que você não lembra mais?  
atriz - Não...

ator - Na época, duas bailarinas moravam na mesma época no mesmo prédio que nós, elas costumavam vir tomar café com você...

atriz - disso eu me lembro..."

30'15" - Peter Sloterdijk - Os pesquisadores da memória ainda precisam esclarecer... há muito tempo é quase unânime que a memória humana é organizada de maneira a só guardar algumas boas memórias utilizáveis mantendo uma extraordinária capacidade de apagar

vivências ruins. A invenção da tecla de apagar no teclado do computador imita a capacidade que o cérebro humano possui. Ela é uma representação técnica genial de uma função antropológica: Delete. O irônico é que existem dois tipos de delete, dois tipos de apagar. Um vai para a lixeira e o outro vai para a apagação total. [Risos]. Da lixeira ainda podemos reciclar alguma coisa.

31'28" / 32'12" - Ian McEwan

Ainda estou maravilhado sobre como até o mais velho e empoeirado computador tem algo de análogo à memória humana. E eu acho que esse sigilo é grande parte do processo criativo. Onde você tem algo em sua mente, mas não quer falar sobre isso, não quer colocá-lo em palavras. Você pode contar esse segredo ao seu computador e ele guarda isso na memória. Quando você retorna um ano depois, diferente da memória humana, ele é exatamente aquilo que você colocou. E continua assim, acredito eu, em suspensão. Antes de você imprimi-lo, ele fica guardado num tipo de hiperespaço.

32'13" / 33'11" - Robert Dargnton

Acredito que mesmo nossas memórias são filtradas. Certamente, Sigmund Freud diria que tudo é filtragem. Até censura, ele usa a palavra censurar aplicada a forma que o ego reprime informações que vem do id, etc. Então, a forma com que a mente, com que a memória trabalha é bem misterioso. Mas eu lido com memória coletiva, como sociedades constroem o passado. E isso é feito, às vezes, com a ajuda de fundos de pesquisa sérios. Mas às vezes, é feito com folclore. E músicas. E imagens, símbolos de todos os tipos. Acho que, no caso de, por exemplo, músicas - que eu também pesquisei - você pode aprender muito sobre um universo mental externo.

33'37" - Roberta - Bom, ao escrever uma ficção, qual é o seu ponto de partida?

VL - É a memória, fundamentalmente. As imagens que as experiências deixam gravadas na memória. Agora, o que é difícil de explicar é por que certas imagens têm essa função enriquecedora da imaginação e estimulam a imaginação a construir histórias e porque muitíssimas experiências não? Por que muitas experiências, que às vezes, são muito importantes, consideradas subjetivamente, não deixam essa marca e não estimulam a imaginação para criar ficções. Acredito que não há maneira de saber, isso diz respeito a razões extremamente íntimas, geralmente subscientes... então, por isso, muitas vezes, os escritores não conseguem explicar porque escrevem sobre certas coisas e não sobre outras.

34'36" – Eu sou o Pedro de Oliveira, eu tenho 31 anos. Eu sempre gostei de teatro, sempre estive no meio, desde que eu nasci, o meu pai era ator mas sempre tive aquela idéia: não, teatro não vai ser a minha profissão porque senão vou morrer de fome... eu me formei em publicidade na ESPM, trabalhei uns 3,4 anos com marketing, daí eu ganhei o prêmio Colunistas do Ano e pensei: Bom, agora é a hora de sair porque eu não tenho filho, não tenho nada pra me preocupar, vou sair por cima e quando eu quiser voltar, digo que sai quando eu ganhei o prêmio. Eu pensei: Bom, o que eu vou fazer agora que eu sai. Resolvi fazer o que eu gostava.

35'14" / 37'10" - Robert Dargnton

Nós não temos acesso imediato à realidade. Até linguagem vem com uma interpretação. E você pode ter um conhecimento direto das palavras que eu uso, mas o significado das palavras costuma ser algo bem diferente. Filósofos falaram sobre atos de fala e eles distinguiram entre o jeito como significado é feito em enunciações e o significado ostensivo. Então, claro, vivemos

num mundo de símbolos. E estamos sempre interpretando símbolos, interpretando como você se veste, como você fala, como você usa seus olhos, observando linguagem corporal... vivemos num mundo onde interpretação é um assunto cotidiano. E é claro, interpretação do comportamento humano pode ser similar a de um livro, num romance. Então aceito que não temos acesso imediato à realidade, mas olhamos por uma tela, uma tela de subjetividade, vinda de nossas mentes, mas também uma tela que é criada socialmente. Temos uma estrutura mental, que os franceses chamam de mentalité, que é social. Então eu provavelmente pareço para você um tipo de gringo yankee que vem de outro mundo. É verdade, eu venho mesmo de outro mundo. Mas isso não significa que não podemos fazer contato. E parte do prazer de estar aqui, no Brasil, é que eu interpreto um pouco o que você está fazendo e você interpreta o que eu estou fazendo.

37'11" / 38'17" - teste de elenco Gaivota

38'17" - mk of teste de elenco

38'51" - Bom , me chamo Nadya, sou escritora e estou estudando literatura hispano americana e espanhola e a relação, a fusão da realidade com a ficção. Então, estou encantada em lhe entrevistar.

39'16" - moça loira agradecendo (?) em inglês...

Então, primeiro de tudo, gostaria de agradecer pela atenção em vir aqui para essa conversa... Gostaria de começar essa entrevista com uma pergunta: como você definiria ficção?

39'17" / 40'00" - cenas mk of / cobertura

40'01" / 41'17" - Ian McEwan - ambiente com barulho

Eu acho que leitores não tem dificuldade em separar ficção da realidade, é sempre um problema para escritores. E... porque alguém se envolve tentando projetar o mundo real, numa página, e combina todos os tipos de projetos da imaginação ou intenção moral, todo tipo de ambição que escritores têm para seus trabalhos. Na imaginação, na mente que está girando criativamente, essas coisas podem desfocar e acho que podem desfocar de forma útil. Eles podem criar uma ficção tipicamente modernista...

- acho que isso está impossível, quero dizer, quase não consigo me ouvir. Acho que, quer dizer... eu mal posso ouvir, o tráfego... parece que...

- Quem sabe em uma outra sala...

41'18" / 42'06" - papo teatro atores

42'07" / 42'23" - Ian McEwan (mk of)

Entrevistador: Queria agradecer por essa entrevista, essa conversa. Foi um prazer para mim...

Ian McEwan: Foi um prazer para mim também. Obrigado. Boa sorte com "A Gaivota". É uma ótima peça.

42'24" / 42'40" - cenas de cobertura...

42'40" - Nadia Mendes se apresenta como Ana Helena / metalinguagem...

43'43" / 45'13" - Robert Dargnton



Entrevistadora: Como você pode ter notado, estamos sendo gravados aqui hoje. Existe, obviamente, uma mise en scene acontecendo. Você diria, portanto que estamos atuando agora? Estamos constantemente atuando em nossas rotinas diárias?

Robert Dargnton: Certamente sinto o que Erving Goffmann, um sociólogo, chama de representação do eu na vida cotidiana é um tipo de atuação. Ao nos comunicar, estamos sempre atuando. Isso não significa que nós somos hipócritas, mas você não pode não atuar. Como você diz algo que é absolutamente limpo, puro, descontaminado de reflexões posteriores e pequenas porções de ironia, truques de retórica... nós usamos linguagem! E a linguagem em si, claro, é um construto cultural. Assim, se eu falo francês, acho que sou quase outra pessoa. Uso linguagem de uma forma diferente quando falo inglês. Gostaria de falar português para testarmos isso. Então sim, estou feliz com o conceito de que atuamos o tempo todo, mas não vamos abusar do conceito e fingir que é pura hipocrisia e estamos andando num palco. Não, é um assunto cotidiano

45'14" / 46'10" - atores sentados no chão Inst. Ling / backstage...

46'11" - Roberta: Então, na nossa vida cotidiana, não somos nunca personagens?

VL - Não, eu creio que somos sim!! Creio que estamos constantemente nos adaptando aos meios em que vivemos. Não é o mesmo estar com amigos do que estar com uma pessoa que mal nos conhece... não é o mesmo estar com um parente, com alguém com quem temos uma relação muito íntima do que com estranhos... adotamos posturas diferentes, tratamentos diferentes em função do meio onde transitamos mas isso não significa atuar... acredito que isso é diferente de interpretar um personagem que obriga a sair de si mesmo e entrar numa personalidade de alguém diferente. Isso é um fenômeno que tem a ver com a transformação profunda da personalidade para se identificar totalmente com um personagem de ficção. Creio que é uma experiência maravilhosa, extraordinária que os atores e atrizes tem a oportunidade de viver e aquilo que vivem é algo que todos os seres humanos, de alguma maneira sonham e gostariam de encarnar em algum momento de suas vidas, sair de si mesmos e ser outros.

47'31" - Ian McEwan

Acho que toda vida social é um tipo de atuação. E somos muitos, muitas identidades. A diferença entre ser um pai e alguém num palco, falando para um público ou fazendo o que eu e você estamos fazendo. Temos muitos papéis, como amantes ou membros da família ou uma pessoa num trem, que não quer falar com ninguém. Todas essas coisas, levamos conosco. Novamente, acredito que o romance é muito bom em mostrar a sucessão de identidades que uma pessoa pode conter.

48'15" - Michell Houellebecq comenta:

... isso pode ser uma coisa muito boa para o Brasil também... bom, eu... que bonito esse passarinho.

48'38" - Peter Sloterdijk - Estamos atuando mas eu acho isso bom, não? Não podemos esquecer que o homem se tornou homem porque adotou o caminhar ereto. Não sabemos o porquê. Existem teorias muito interessantes a respeito, não temos agora o tempo necessário para discuti-las... que o andar ereto já é algo teatral. Um ser vivo que antes andava sobre quatro apoios como os macacos de repente se levanta. Isso significa que o andar ereto já é um anúncio do fato de que esse animal bípede irá dançar, caminhar, fazer performances ... e sobretudo de que ele está pronta para assumir o risco da visibilidade. Se prefiro a invisibilidade,

então não caminho sobre duas pernas. Eu faço como as serpentes, rastejo, até abriria mão de uma ou outra perna, me moveria no chão. É por isso que a serpente é o animal antípoda. Nenhuma boa antropologia desenvolveu-se sem uma Teoria das Serpentes, especialmente porque pertence a ela a antípoda aos homens. O andar ereto é o começo do teatro e, obviamente, também podemos fazê-lo sentados. [Risos]